



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Mariana Silva Vidal

**Curadoria em arquivos históricos: a “coleção pompeana” do Museu
Nacional através da documentação**

Rio de Janeiro

2024

Mariana Silva Vidal

Curadoria em arquivos históricos: a “coleção pompeiana” do Museu Nacional através da documentação

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: História da Arte Global

Orientadora: Prof^ª. Dra. Evelyne Azevedo

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

V649 Vidal, Mariana Silva.
Curadoria em arquivos históricos: a “coleção pompeana” do Museu Nacional através da documentação / Mariana Silva Vidal. – 2024.
96 f.: il.

Orientadora: Evelyne Azevedo.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Museus e coleções arqueológicas - Teses. 2. Teresa Cristina Maria, Imperatriz, consorte de Pedro II, Imperador do Brasil, 1822-1889 – Coleções arqueológicas - Teses. 3. Museu Nacional (Brasil) – Coleções arqueológicas – Teses. 4. Curadoria (Artes) – Teses. 5. Arquivos e arquivamento (Documentos) – Teses. I. Azevedo, Evelyne. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 651.5:069

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Silva Vidal

Curadoria em arquivos históricos: a “coleção pompeana” do Museu Nacional através da documentação

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: História da Arte Global

Aprovada em 29 de julho de 2024.

Banca examinadora:

Prof^ª. Dra. Evelyne Azevedo
Instituto de Artes - UERJ

Prof. Dr. Reginaldo da Rocha Leite
Instituto de Artes - UERJ

Prof^ª. Dra. Manan Terra Cabo
Universidade Federal do Oeste da Bahia

Rio de Janeiro

2024

Para o meu pai, que me possibilitou as oportunidades que ele mesmo nunca teve. Cada palavra que escrevo e digo, carrega em si toda a sua dedicação e carinho.

AGRADECIMENTOS

É difícil encontrar palavras que transmitam com precisão algo tão abstrato e grandioso quanto a gratidão que sinto pelas pessoas que tornaram este trabalho possível. Se, *a priori*, pesquisar parece algo solitário devido às horas e mais horas de leitura e escrita, existe uma dimensão social e humana que nem sempre transparece no resultado final, mas que torna o trabalho exequível. Começo, portanto, agradecendo ao meu pai, Gilberto Dalfeor, que dedicou a sua vida a me proporcionar, sobretudo, uma educação de qualidade. Ele acompanhou minha jornada acadêmica até o início deste mestrado, mas não pôde ver sua conclusão. Lamento todos os dias sua ausência e espero que ele tenha sabido em vida o quanto sou grata. Agradeço também à minha mãe, Flavia Vidal, bem como à minha irmã, Camila Vidal, pela confiança que depositam em mim e pelo apoio - não raro elas acreditam em mim mais do que eu mesma.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Evelyne Azevedo, por compartilhar o conhecimento adquirido por anos de pesquisa e por, gentilmente, partilhar comigo o estudo desta Coleção que lhe é tão cara. Devo agradecer a ela também pela paciência e por reunir um grupo de pesquisa tão especial e no qual nos tornamos todos amigos: agradeço à Carol Galvão, amiga e companheira de arquivos; à Carol Nunes; à Camila Sá; Livia Perez; Eloá Tavares; Tássia Rocha, Lucas Cavalcanti e Octávio Fideles - que praticamente acabaram de chegar, mas é como se sempre estivessem estado aqui. Obrigada pelo carinho e apoio.

Agradeço aos professores Manan Terra Cabo e Reginaldo Leite, presentes na banca de qualificação e defesa, pela leitura cuidadosa deste trabalho e pelas considerações pontuais que, sem dúvida, contribuíram para a conclusão desta dissertação. Obrigada a todos os servidores dos arquivos consultados por indicarem os caminhos das pedras dentro dos acervos. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

VIDAL, Mariana Silva. *Curadoria em arquivos históricos: a “coleção pompeana” do Museu Nacional através da documentação*. 2024. 96 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

A pesquisa investigou o processo de formação da "coleção pompeana" do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista através de documentos pertencentes a diferentes acervos arquivísticos. O conjunto proveniente do *Real Museo Borbonico*, em Nápoles, é conhecido por ter chegado ao Brasil por intermédio da Imperatriz Teresa Cristina; no entanto, os registros nos mostram que a coleção decorre de múltiplos esforços, incluindo o de Manuel de Araújo Porto-Alegre, quando diretor da AIBA e da quarta seção do Museu Nacional. Esses documentos, até então desconhecidos, apresentam novos agentes, indicam proveniências, circulação e trânsito de objetos, nos permitindo, assim, uma narrativa mais abrangente. A vinda dessas peças está atrelada às reformas das instituições de ensino e científico-culturais iniciadas em 1854 e coordenadas por Couto Ferraz, ministro do Império. Revela-se, portanto, como mais um artifício do Estado Imperial na construção de uma nação dita "civilizada". No final do século XIX o conjunto foi ampliado e passou a se chamar Coleção Teresa Cristina (ou Coleção Mediterrânea), chegando a conter mais de setecentos peças referentes aos povos etruscos, gregos e romanos. Sua composição, entretanto, foi reduzida a 30% após o incêndio que acometeu o Museu Nacional em setembro de 2018. Nesse sentido, a documentação não apenas nos ajuda a remontar o histórico de formação da Coleção, mas também a preserva em alguma medida. É por isso que, paralelamente, criou-se uma base de dados com os documentos concernentes, a fim de possibilitar estudos sobre outros aspectos do acervo. Afinal, ainda que tenha restado uma pequena parte daquilo que um dia foi a Coleção Teresa Cristina, as potencialidades desse conjunto não se extinguíram no incêndio.

Palavras-chave: Coleção Teresa Cristina; Coleção Pompeiana; Museu Nacional; curadoria; arquivos

ABSTRACT

VIDAL, Mariana Silva. *Curation of historical archives: the “Coleção Pompeana” of the Museu Nacional through documentation*. 2024. 96 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) — Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

The research investigated the process of formation of the "*Coleção Pompeana*" of the *Museu Nacional da Quinta da Boa Vista* through documents belonging to different archival collections. The set from the *Real Museo Borbonico*, in Naples, is known to have arrived in Brazil through the intermediary of Empress Teresa Cristina; however, the records show us that the collection is the result of multiple efforts, including that of Manuel de Araújo Porto-Alegre, when he was director of *Academia Imperial de Belas Artes* (AIBA) and of the fourth section of the *Museu Nacional*. These documents, previously unknown, introduce new agents, indicate origins, circulation and transit of objects, thus allowing us to create a more comprehensive narrative. The arrival of these pieces is linked to the reforms of educational and scientific-cultural institutions initiated in 1854 and coordinated by Couto Ferraz, minister of the Empire. It is therefore revealed as yet another artifice of the Imperial State in the construction of a so-called "civilized" nation. At the end of the 19th century, the collection was expanded and became known as the "Coleção Teresa Cristina" (or "Coleção Mediterrânea"), and came to contain more than seven hundred pieces relating to the Etruscan, Greek and Roman civilizations. However, its composition was reduced to 30% after the fire that struck the *Museu Nacional* in September 2018. In this sense, the documentation not only helps us to retrace the history of the formation of the collection, but also preserves it to some extent. That is why, at the same time, a database was created with the relevant documents, in order to enable studies on other aspects of the collection. After all, although a small part of what was once the *Coleção Teresa Cristina* remains, the potential of this collection was not extinguished in the fire.

Keywords: Teresa Cristina Collection; Pompeian Collection; National Museum; curatorship; archives

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Linhas “gregas”	37
Figura 2 -	Linhas “gregas” alternadas	37
Figura 3 -	“Caracteres simbolicos comparados”	38
Figura 4 -	Ídolo Marajoara	38
Quadro 1	Comparativo dos termos utilizados nas buscas	49
Figura 5 -	Padrão de sistematização adotado na base de dados	52
Figura 6 -	Exemplo de um documento catalogado na base de dados	53
Quadro 2-	Documentos digitalizados usados na pesquisa	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIBA	Academia Imperial de Belas Artes
AN	Arquivo Nacional
CPII	Imperial Colégio Pedro II
DPHDM	Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
MAST	Museu de Astronomia e Ciências Afins
MHN	Museu Histórico Nacional
MI	Museu Imperial
MN	Museu Nacional
SEMEAR	Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 “DUZENTOS E SESSENTA ARTEFACTOS CONSTITUEM A NOSSA COLLECÇÃO ARCHEOLOGICA DE POMPÉA...”: O HISTÓRICO DA COLEÇÃO MEDITERRÂNEA DO MUSEU NACIONAL.....	19
1.1 A fundação do Museu Nacional e a construção do Brasil oitocentista	27
1.2 A Reforma Pedreira e a atuação de Araújo Porto-Alegre: a necessidade de uma coleção clássica para o Museu Nacional	38
2 UMA COLEÇÃO DE DOCUMENTOS: O MAPEAMENTO DE REGISTROS REFERENTES À COLEÇÃO TERESA CRISTINA	46
2.1 A pesquisa curatorial em arquivos históricos	48
2.2 <i>O display</i> : tornando a base de dados inteligível	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE	60
ANEXO	88

INTRODUÇÃO

Não raro nossas pesquisas têm seus rumos alterados, às vezes por questões alheias ao trabalho em si, mas às vezes porque a própria investigação nos obriga. Por mais que escrevamos e reescrevamos nossos projetos, pesquisar está muito próximo da prática artística, onde planejamos e produzimos, mas onde também somos reféns da resposta do material: em algumas ocasiões sai exatamente como imaginamos, em outras é preciso lidar e acolher as mudanças. Nesta altura, esta pesquisa trata de apresentar o contexto de formação da Coleção Mediterrânea do Museu Nacional entre os anos de 1854 a 1889 e do mapeamento documental referente ao acervo, mas não era este o objetivo inicial. A proposta primeira era menos abrangente e, embora ainda tratasse da mesma coleção, a intenção era usá-la como corpus documental/imagético, como outros haviam feito anteriormente. O recorte consistia basicamente na análise iconológica das cenas nas cerâmicas magnogregas, de modo que a pesquisa se concentrava muito mais na Antiguidade Clássica, do que na coleção propriamente dita e, menos ainda, no século XIX. Naquele momento duas questões imprescindíveis já haviam sido levadas em consideração e que, por fim, acabaram nos impulsionando para o ponto em que estamos hoje: a escassa produção bibliográfica acerca do conjunto e a ausência das peças. Ainda que pouco estudado, como veremos mais adiante, os trabalhos existentes abarcam uma parte significativa do acervo, que, quando reunidos, nos permitem vislumbrar a composição final da coleção, facilitando a identificação das civilizações e períodos circunscritos por ela. Portanto, este aspecto não afetaria negativamente o andamento da pesquisa. Mas se por um lado a perda de 70% das peças, causada pelo incêndio que atingiu o Museu Nacional em 2018, interferiu no acesso direto aos vasos, por outro contávamos com a possibilidade de consultar a base de dados da instituição, ainda que conhecida por ser limitada. No entanto, diante da pouca receptividade dentro da seção de Arqueologia do Museu Nacional por meio de solicitações não atendidas e de empecilhos para o fornecimento de informações e imagens dos materiais, percebemos que era mais urgente pensar a construção da coleção e reunir uma documentação paralela que, porventura, está sob guarda de outras instituições, para darmos início a um histórico mais abrangente e detalhado do que temos até o momento.

O objetivo geral desta pesquisa consiste, então, em elaborar uma base de dados composta por documentos referentes à Coleção Mediterrânea, a fim de ampliar a rede de informações e, com isso, viabilizar a investigação de outros aspectos do acervo. Como ficará claro no decorrer deste trabalho, são muitas as potencialidades desse conjunto, que, por si só,

contribuiu para legitimar os estudos científicos sobre a Antiguidade no Brasil frente às nações europeias¹, além de apresentar perspectivas do Brasil oitocentista. Documentos até então desconhecidos apresentam novos agentes, desestabilizam certezas e indicam novos caminhos de pesquisas. Eles revelam que a Coleção é fruto de uma combinação de esforços e parte de projeto maior, onde o que estava em jogo era a construção da nação. A convicção de que as peças que a compõem se reúnem especificamente em dois momentos enfraquece ao se deparar com registros de remessas que não coincidem e de números de inventário que não correspondem. O debate sobre a restituição de obras de arte pode ser acrescido com a tentativa do Brasil de reaver os objetos escavados na última campanha arqueológica da Imperatriz Teresa Cristina e que permaneceram na Itália. Caso esses objetos tivessem sido enviados, fariam parte do Museu Nacional, como era o desejo do Imperador².

Na prática, desenvolver essa base de dados significa mapear fundos e coleções alocados em diferentes instituições de guarda, consultar dezenas, centenas de maços, digitalizar, transcrever, analisar e catalogar cada documento selecionado. A multiplicidade de registros, que não necessariamente dizem respeito à Coleção, mas que cumprem a função de contextualizá-la em determinado tempo e espaço, demandam uma curadoria — sobretudo se compreendida enquanto uma prática que articula elementos a princípio separados e amplia as possibilidades de relações. Com efeito, o levantamento documental começou quando esta pesquisa ainda estava em sua primeira versão; de modo que, naquele momento, ele era entendido mais como parte da metodologia do que como um objeto propriamente dito. A necessidade de controlar e sistematizar o andamento da investigação o acabou guiando para o que ele é hoje: uma coleção (e mesmo uma base de dados). De certo modo, o método e o objeto se confundiram no percurso desta pesquisa, não porque não estivessem delimitados, mas porque a ordem se inverte: antes se partia da coleção e, por isso, buscava-se os registros; agora, parte-se dos registros para estudar a coleção. Parecem a mesma coisa, mas nesse caso não é uma operação comutativa, a ordem dos fatores altera o produto.

Mas ainda assim o trabalho arquivístico não começa do zero — os estudos precedentes norteiam as estratégias de busca, indicando o que e onde pesquisar. A construção dessa base de dados é estruturada sobre o estudo desenvolvido por Azevedo, que vem desde 2016 se dedicando ao acervo. Sua pesquisa se distingue das demais porque se atenta ao contexto

¹ GARRAFFONI, Renata Senna. Pompeia, o Vesúvio e o Rio de Janeiro: os encontros entre o passado antigo e o cotidiano carioca na segunda metade do século XIX. In: *Ecos pompeyanos: Recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España y América Latina*. Universidad Externado de Colombia, 2023, p. 224.

² AZEVEDO, Evelyne. *Os afrescos pompeianos do Museu Nacional: a decoração pictórica do templo de Ísis*. Relatório de pós-doutorado, MAE/USP, São Paulo, 2017.

histórico e às implicações da formação da Coleção, discutindo sobre o interesse arqueológico que culminou na chegada das peças ao Brasil e os laços com a Itália³. Ela é quem primeiro recorre às fontes primárias e quem já vinha indicando a necessidade de se catalogar a documentação. Os estudos restantes, respeitando seus recortes, se encarregam de reproduzir os aspectos mais gerais acerca do conjunto e se atêm a uma seleção de exemplares. Só recentemente começaram a despontar pesquisas mais voltadas para as circunstâncias de sua constituição⁴, possivelmente impulsionadas pelo incêndio e a indisponibilidade material dos objetos — esta, inclusive, sendo uma delas.

Com base na literatura, as buscas iniciais se concentraram em quatro acervos, que, por fim, se revelaram ser apenas uma pequena parte de uma lista mais extensa. *A priori* consideramos visitas ao Arquivo Nacional (AN), à Biblioteca Nacional (BN), ao Museu Imperial (MI) e ao Museu Histórico Nacional (MHN), mas conforme o andamento da pesquisa e a análise dos documentos encontrados, outros acervos necessariamente foram incluídos: o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), o Arquivo Histórico do Itamaraty, a Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), o Museu D. João VI e a Bancroft Library. Cada uma dessas adições são resultados de uma série de cruzamentos de informações, nomes, datas e instituições, que formam uma rede de dados que ainda está em expansão e não se encerra neste trabalho. Cumpre notar que também estivemos em contato com a Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR), que foi integralmente destruída pelo incêndio, restando apenas o que foi digitalizado até aquela data. Ainda assim, boa parte da documentação encontra-se em estado precário e mesmo ilegível em algumas passagens. Reunimos, assim, uma grande parcela de ofícios, inventários, relatórios, cartas e outros manuscritos, bem como uma série de notações que ainda precisam passar pelo processo de curadoria. Dado a dimensão que o levantamento atinge, assim como a incorporação de um acervo estrangeiro e arquivos com consultas suspensas⁵, ainda há muito para se catalogar e analisar.

³ AZEVEDO, Evelyne. *Os afrescos pompeianos do Museu Nacional: a decoração pictórica do templo de Ísis*.

⁴ Cf. RODRIGUEZ, Débora Lagreca. O Tráfego de Bens Arqueológicos no Século XIX. Estudo da Coleção Teresa Cristina no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado), 2021; DE VIDALES GARCÍA, María Martín. Intercambios transoceánicos: del interés a la nostalgia. Teresa Cristina de Borbón y su actividad cultural en Brasil. In: *Ecos pompeyanos: recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España y América Latina*. Universidad Externado de Colombia, 2023. p. 93-116; GARRAFFONI, op. cit..

⁵ O arquivo histórico do Museu Imperial está com as visitas suspensas devido a falta de pessoal. Já o Palácio do Itamaraty está em restauração, com previsão de reabertura para dezembro de 2026.

A saber, no Arquivo Nacional consultamos o fundo Série Educação, onde estão os ofícios dos diretores do Museu Nacional entre os anos de 1871 e 1909⁶ e o fundo Casa Real e Imperial (1750-1889) que reúne diversos manuscritos relacionados à família imperial, assim como aqueles encontrados na Biblioteca Nacional. Enquanto isso, no Museu Histórico Nacional tivemos acesso ao fundo de Manuel Araújo Porto-Alegre, diretor da seção à qual as peças ficam vinculadas ao chegarem ao Brasil. No MAST, mais especificamente no fundo de Castro Faria, ocupante do mesmo cargo de Porto-Alegre quase cem anos depois, encontramos cartas do que podemos considerar como a primeira tentativa de um estudo sobre a coleção, desenvolvido por Henry Smith, professor de Arqueologia Clássica da Universidade da Califórnia. Essa documentação está catalogada em uma base, cuja sistematização será descrita mais adiante, e que, no futuro, pretende-se ser de livre acesso. Esta é, portanto, uma pesquisa teórico-prática que visa reunir a documentação concernente ao acervo — direta ou indiretamente —, mas que, ao mesmo tempo, apresenta a primeira parte do histórico da Coleção através das fontes primárias. Paralelamente, o trabalho que se segue espera ser um exemplo de como os arquivos históricos podem ser aliados das teorias da História da Arte Global. Os arquivos pessoais de artistas são com frequência abertos pelos historiadores da arte que veem neles um espaço de subjetivação e experimentação que antecede as obras acabadas, mas são ocasionais os usos de arquivos históricos, sobretudo daqueles que não estão inseridos em instituições artísticas. Eles podem contribuir para uma História da Arte verdadeiramente interconectada, revelando agentes, proveniências, a circulação e o trânsito de objetos, permitindo, assim, narrativas ligadas a diferentes contextos e eventos.

Antes de seguir adiante, apresentando como esta pesquisa se estrutura, é fundamental atentar para uma questão de terminologia. Por vezes nos referimos ao nosso objeto por três nomes diferentes, isto se dá porque atualmente o acervo de arqueologia clássica do Museu Nacional é oficialmente denominado de duas maneiras: Coleção Mediterrânea e Coleção Teresa Cristina, empregados após 1891 quando Pedro II doou parte de seu acervo à instituição. O terceiro, aludido no título deste trabalho, faz referência ao recorte cronológico do primeiro capítulo, que perfaz o período compreendido entre os anos de 1854 a 1889, período no qual as primeiras peças são reunidas sob o nome de Coleção Arqueológica de Pompeia — ou Collecção Archeologica de Pompea, na grafia da época. Importante notar, ainda, que, apesar do nome, esse conjunto não era composto apenas por objetos pompeianos, como veremos, mas incluía

⁶ Neste fundo há um único documento com data anterior a esse período que é justamente um ofício de Manuel de Araújo Porto-Alegre, datado de 1856, informando a chegada das primeiras peças que no futuro irão compor a Coleção Mediterrânea.

também materiais italianos. Isto posto, este trabalho está organizado em duas partes, descritas a seguir.

No primeiro capítulo, subdividido em três partes, nos debruçamos sobre o início da construção da Coleção Mediterrânea, acompanhando através da documentação o processo que ocasionou a chegada do conjunto inicial ao Brasil. Buscou-se responder como se deu o surgimento do interesse pelas peças e porquê elas eram importantes para aquele contexto. Por isso, na primeira parte, nós relatamos o histórico da coleção, concentrando-nos especificamente no processo que culminou a formação da “coleção pompeiana”. Podemos segmentar a constituição do acervo em, ao menos, dois momentos: em 1856, com a vinda de um conjunto proveniente do *Real Museo Borbonico* — do qual falaremos — e em 1891, com a incorporação do acervo do Museu do Imperador ao Museu Nacional. Em 6 de novembro de 1854, o diretor do Museu Nacional escreveu à mordomia da Casa Imperial a fim de conseguir através da interferência da Imperatriz antiguidades pertencentes ao *Real Museo Borbonico* de Nápoles. Iniciou-se, então, os trâmites para a vinda de 260 peças, que só chegaram ao Brasil em 1856. O conjunto, que possuía um grande número de peças pompeianas e vasos atribuídos como magnogregos, era composto por: sessenta bronzes, dez afrescos, trinta vidros, cem terracotas e sessenta vasos provenientes da península itálica. Com efeito, sabe-se que peças congêneres precederam o conjunto bourbônico. Assim que o museu foi fundado, D. João VI doou duas chaves romanas e um pé de mármore com alparcata grego⁷. Já em 1847, Bazilio Torráo ofereceu dois bustos pompeianos, um do poeta Virgílio e outro do imperador romano Aureliano. Apesar disso, essas peças não foram incluídas como parte da coleção de arqueologia clássica e não se sabe que destino tomaram. Ladislau Netto, quando diretor do Museu Nacional, escreveu em 1870 que “duzentos e sessenta artefactos constituem a nossa collecção archeologica de Pompéa”⁸, presumivelmente a remessa de Nápoles. O acervo só é acrescido pouco após a instauração da República, quando uma parte da coleção do Pedro II é doada ao Museu Nacional. Este núcleo, por sua vez, também tem a Imperatriz como intermediária, visto que era composto principalmente por peças provenientes das escavações financiadas por ela.

Na segunda parte deste capítulo buscamos entender o contexto de criação do Museu Nacional, assim como a quais expectativas que ele atendia. A fundação do Museu obedeceu à lógica de um projeto civilizatório implementado a partir de 1808, com a chegada da corte

⁷ NETTO, Ladislau. Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro. Acompanhadas de uma breve notícia de suas colecções e publicadas por ordem do Ministerio da Agricultura. Instituto Philomatico: Rio de Janeiro, 1870, p. 22.

⁸ NETTO, ibidem, p. 248

portuguesa ao Brasil, e que tinha como objetivo transformar a imagem da nova capital para se equiparar às capitais europeias. A instituição nasce com a missão de propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais, mas passa por certo grau de incerteza nos seus primeiros anos de existência no que diz respeito às suas funções sociais⁹. E, embora possuísse um acervo com todas as tipologias comum aos grandes museus, o número de objetos ainda era modesto, muitas vezes tido como insatisfatório, em especial aos olhos estrangeiros. Após a Independência e, conseqüentemente, a exigência de se buscar uma identidade brasileira, o Museu Nacional se tornou mais atuante: foi reformulado, visando a ampliação do seu acervo e o sistematizando de forma que, além de seguir os modismos europeus, evidenciasse as riquezas e potencialidades da nova nação¹⁰. Nesse sentido, o museu se tornou referência — e ponto de encontro — para entidades científicas que vieram em seguida, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, a Sociedade Vellosiana de Ciências Naturais, fundada em 1850, e a Sociedade Propagadora das Belas Artes em 1856. É também na década de 1850 que o governo Imperial coloca em prática um ambicioso plano de reestruturação da instrução pública que atinge todas as instituições científico-culturais e que, inclusive, pode ter influenciado na formação da coleção, como é discutido na terceira parte deste capítulo.

Ciente de que a coleção atendia aos padrões de um museu enciclopédico, sobretudo no século XIX onde essas instituições ainda estavam profundamente arraigadas nos preceitos iluministas; e considerando a importância que a tradição clássica tinha naquele contexto, nos parece incomum que tantos anos tenham se passado até que essa coleção se formasse. É desconhecida qualquer tentativa anterior a 1854 e os poucos objetos oferecidos anteriormente parecem não ter sido suficientes para ao menos iniciá-la. Então, o que acontece em 1854 para que o diretor da instituição solicite a intercessão da Imperatriz a fim de conseguir algumas antiguidades do *Real Museo Borbonico*? Na tentativa de compreender quais fatores motivaram a construção de uma coleção greco-romana, correlacionamos os eventos que circundaram a vinda das peças para o Brasil. Como era de se esperar de uma nação fundada sob a ótica do pensamento ocidental, a tradição clássica se fez presente no Brasil do século XIX. Mais do que compor o repertório de interesses eruditos dos círculos mais abastados, esse passado clássico definia os parâmetros da boa sociedade, associando-se, assim, à noção de civilidade¹¹.

⁹ CHAVES, André Onofre Limório. “Dignos da admiração dos amigos de antiguidades”. História e recepção da coleção egípcia do Museu Nacional da UFRJ. *Revista Concinnitas*, v. 3, n. 34, p. 126-146, 2018, p. 129.

¹⁰ Id., *ibid.*, p. 129.

¹¹ TURIN, Rodrigo. A prudência dos Antigos: figurações e apropriações da tradição clássica no Brasil oitocentista. O caso do Colégio Imperial Pedro II. *Anos 90*, v. 22, n. 41, p. 299-320, 2015.

Não à toa os estudos clássicos se destacavam na formação escolar da capital naquele momento. A instrução pública era concebida como a base do progresso, peça fundamental para que o Brasil se legitimasse como uma nação civilizada, mas que se encontrava bastante fragmentada até a década de 1850. Às províncias eram atribuídas as coordenações das instituições de ensino fundamental e médio que, além de raras, eram constituídas por disciplinas isoladas, sem vínculo com as outras etapas de ensino. Enquanto isso, ao governo central cabia a manutenção do ensino superior, cujo ingresso se dava por meio de exames de admissão que incluíam conteúdos de retórica, francês, gramática latina, filosofia e geometria, sem a obrigatoriedade de ter cursado a escola primária¹². Considerado ineficiente e desarticulado, os membros do governo Imperial, incluindo Pedro II, compreendiam a necessidade de uma reforma. É assim que — com a entrada do novo ministro do império, Luís Pedreira de Couto Ferraz — inicia-se a chamada Reforma Pedreira (1854-1857), visando a reformulação do ensino, a fim de normatizar e garantir uma formação homogeneizada para aqueles que acabariam por ocupar cargos políticos e administrativos. Entre leituras de Homero e Virgílio, bem como o ensino de história antiga, mais da metade das aulas eram dedicadas aos estudos clássicos. Essa relação entre a tradição clássica e o exercício político e dirigente estava tão presente na estrutura curricular da escola que, após a reforma de 1854, a maior parte dos estudos clássicos era destinada apenas àqueles que seriam instruídos para assumir posições no governo. Este empreendimento se estendeu a diversas instituições como o Imperial Colégio Pedro II (CPII), o Conservatório de Música, a Academia Militar e a Academia Imperial de Belas Artes (AIBA). Nesta última, planejado e implementado por Araújo Porto-Alegre, que atuava paralelamente no Museu Nacional.

Por um curto período, o pintor atuou simultaneamente na direção da AIBA e da Seção de Numismática, Artes Liberais, Arqueologia e Usos e Costumes das Nações Modernas do Museu Nacional. Araújo Porto-Alegre, designado por Pedro II, tratou de conduzir a Reforma Pedreira dentro da Academia, onde priorizou o ensino técnico a fim não só de preparar os artistas, mas também de torná-los aptos a instruir e fiscalizar artífices. Dessa forma, a instituição se torna responsável por controlar e orientar as artes para o Império, como na avaliação dos monumentos a serem erguidos¹³. Além disso, ele reformula os estatutos da instituição, atualiza as formas de contratação, atribuições dos servidores e cria novas disciplinas. Entre as recém criadas cadeiras estava o curso de história das Belas Artes, estética e arqueologia, cujo programa

¹² SQUEFF, Leticia Coelho. A Reforma Pedreira na Academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista. *Cadernos Cedes*, v. 20, p. 103-118, 2000, p. 105.

¹³ Id., *ibid.*, p. 107

previa a exposição oral das teorias próprias da disciplina, bem como demonstrações gráficas e plásticas. Este estatuto entra em vigor em maio de 1855, mas é no ano anterior que o artista assume como diretor da academia e quando as reformas começam a ser planejadas. Nessa altura Porto-Alegre já exercia o cargo na quarta seção do Museu Nacional, mas é exatamente em 1854 que o museu procura adquirir objetos de arqueologia clássica, coincidindo com sua atuação na AIBA. Nos parece factível afirmar, portanto, que esses eventos estavam de alguma forma interligados, sobretudo porque era comum artistas em formação estarem em contato com esse material. Desde o século XVIII, era costume os jovens de classe média alta partirem para a Europa para a chamada *Grand Tour*, onde visitavam os centros culturais da época com o objetivo de aprofundarem o conhecimento da tradição clássica. Nesse sentido, as visitas às ruínas das cidades antigas eram imprescindíveis, assim como a contemplação de esculturas, vasos cerâmicos pintados e outras antiguidades¹⁴. Araújo Porto-Alegre, foi um desses viajantes antes de assumir o cargo. Na ocasião estudou em Roma com o arqueólogo Antonio Nibby, responsável por escavações na região, e se aproximou dos estudos da Antiguidade¹⁵. Porto-Alegre sabia, portanto, a importância que uma coleção como esta desempenhava não só na esfera científica, mas também em como poderiam “orientar no apreço dado ao estudo das Belas Artes”¹⁶.

No segundo (e último) capítulo apresentamos o processo de criação da curadoria. Iniciamos refletindo como a impossibilidade de acesso aos arquivos do Museu Nacional pode ter resultado, por fim, em uma investigação mais abrangente que acaba se caracterizando como uma curadoria. Entre os diversos sentidos atribuídos ao termo na contemporaneidade, adota-se aquele que diz respeito a uma prática que se dedica a criar conexões¹⁷. No primeiro tópico discorremos como se deu o trabalho arquivístico e as relações estabelecidas que acarretaram a expansão das estratégias de busca — ou seja, o método usado para a localização de documentos —, e dos acervos consultados. Saber o que perguntar aos arquivos e também ouvir aquilo que eles não dizem diretamente são aspectos essenciais para uma investigação mais ampla. Compreendeu-se, inclusive, que é importante deixar os arquivos abertos para outras leituras, uma vez que nossas reflexões são sempre marcadas por nossas posições. O acesso às fontes primárias na íntegra permite uma interpretação não mediada por outros olhares e que podem

¹⁴ SQUEFF, Letícia. A Grand Tour de um brasileiro: a importância da Itália nas ideias de Manuel de Araújo Porto-Alegre. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, p. 377-387, 2017.

¹⁵ Id., *ibid.*, p. 380

¹⁶ Museu Nacional, 1844 *apud* CHAVES, André Onofre Limório et al. Do Kemet para o Novo Mundo: O colecionismo de antiguidades egípcias no Brasil Imperial (1822-1889), 2019, p. 120

¹⁷ OBRIST, Hans Ulrich Caminhos da Curadoria. Trad. Aliny Azuma. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014; OBRIST, Hans Ulrich. *Uma breve história da Curadoria*, 2010.

acrescer as discussões em torno delas. É por isso que a parte final deste capítulo consiste em apresentar a plataforma: a estrutura da coleção de arquivos/base de dados. Criou-se um sistema de arquivamento disposto como uma planilha, onde os documentos estão organizados de acordo com a instituição e os fundos aos quais pertencem. Além disso, constam as notações de cada documento para que seja possível refazer o caminho até o seu local de guarda. A intenção é tornar o levantamento inteligível, possibilitando, assim, outras abordagens. Por último, este trabalho conta apêndice e anexos: no primeiro, consta uma amostra desse sistema, onde estão reunidos os documentos; enquanto no segundo disponibilizamos os documentos que ampararam a construção do capítulo 1.

No futuro, após a consulta daqueles acervos que não foram acessados até aqui, espera-se que a coleção/base de dados seja de livre acesso, disponível *online*, para que sirva de apoio para novas pesquisas e, em alguma medida, ajude a difundir e preservar a história desse acervo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cauê. A curadoria como historicidade viva. In: RAMOS, Alexandre Dias (org.). *Sobre o ofício do curador*. Porto Alegre: Zouk, 2010. p. 43-57.
- ANDRADE, Débora El Jaick. As políticas públicas na esfera cultural no Império: o caso da Reforma Pedreira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24, 2007, São Leopoldo. *Anais eletrônicos*. São Leopoldo: UNISINOS, 2007.
- ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- AVELLA, Aniello Angelo. *Teresa Cristina de Bourbon: uma imperatriz napolitana nos trópicos. 1843-1889*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 2014.
- AZEVEDO, Evelyne. A coleção Teresa Cristina: idealização e falência de um projeto cultural para o Brasil. *Revista Concinnitas*, v. 3, n. 34, 2018.
- AZEVEDO, Evelyne. *Os afrescos pompeianos do Museu Nacional: a decoração pictórica do templo de Ísis*. Relatório de pós-doutorado, MAE/USP, São Paulo, 2017.
- AZEVEDO, Evelyne *et al.* Teresa Cristina e a construção de si: retrato de uma personagem. In: PEQUENO, Fernanda; QUÍRICO, Tamara (org.). *Fluxos e trânsitos na história da arte global*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2023.
- BANCO SAFRA. *O Museu Nacional*. São Paulo: Safra, 2007.
- BARRELLA, Nadia. *Principi e principi della tutela*. Episodi di storia della conservazione dei monumenti a Napoli tra Sette e Ottocento. Nápoles: Luciano Editore, 2003.
- BEDIAGA, Begonha. Discreto personagem do império brasileiro: Luís Pedreira do Couto Ferraz, visconde do Bom Retiro (1818-1886). *Topoi*, v. 18, p. 381-405, 2017.
- BITTENCOURT, José Neves. *Território largo e profundo: os acervos dos museus do Rio de Janeiro como representação do Estado Imperial, 1808-1889*. 1997. Tese (Doutorado) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Embaixada em Roma. *Tra Pompei e Marajó: l'imperatrice Teresa Cristina e gli oggetti di desiderio tra Italia e Brasile – Entre Pompeia e Marajó: a imperatriz Teresa Cristina e os objetos de desejo entre Itália e Brasil*. Prefácio de Hélio Ramos; Curadoria: Evelyne Azevedo, Fernanda Marinho. Roma: Ambasciata del Brasile in Italia, 2023.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto Brasileiro de Museus. *Museu em números*. Brasília: O Ministério, 2011. v. 1.
- BERGER, John. *Modos de ver*. [S.l.]: Fósforo, 2023. p. 13-14.
- CAVICCHIOLI, Marina Regis. *As representações da sexualidade na iconografia pompeiana*. 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHAVES, André Onofre Limírio. “Dignos da admiração dos amigos de antiguidades”. História e recepção da coleção egípcia do Museu Nacional da UFRJ. *Revista Concinnitas*, v. 3, n. 34, p. 126-146, 2018.

CHAVES, André Onofre Limírio. *Do Kemet para o Novo Mundo: O colecionismo de antiguidades egípcias no Brasil Imperial (1822-1889)*. 2019. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DE VIDALES GARCÍA, María Martín. Intercambios transoceánicos: del interés a la nostalgia. Teresa Cristina de Borbón y su actividad cultural en Brasil. In: BUITRAGO, Laura et al. *Ecos pompeyanos: recepción e influjo de Pompeya y Herculano en España y América Latina*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2023. p. 93-116

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Um novo centenário para o Brasil e seu Museu Nacional. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 30, 2022.

EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil, ou: diário de uma visita à terra do cacauero e das palmeiras*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1976.

FERRAZ, Paula Ribeiro. *O gabinete da conciliação: atores, ideias e discursos (1848-1857)*. 2013. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

FERREIRA, Maria De Simone. *Da viagem aos museus e seus relatos: Imagens do Brasil na narrativa de Carl von Koseritz (1883- 1885)*. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2009.

GUZZO, Pier Giovanni et al. Curator’s note. In: GUZZO, Pier Giovanni et al. *Ercolano e Pompei: visioni di una scoperta = Herculaneum and Pompeii: visions of a Discovery*. Milão: Skira, 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARTT, Carlos Frederico. Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas. In: MUSEU NACIONAL (Brasil). *Archivos do Museu Nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1885. v. 6.

HASKELL, Francis; PENNY, Nicholas. The new importance of Naples In: HASKELL, Francis; PENNY, Nicholas. *Taste and the antique: the lure of classical sculpture, 1500-1900*. New Haven: Yale University Press, 1981.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. Tradução de Elizabeth Carbone Baez. *Revista Gávea*, n. 1, 2015.

LEOZONI, Nessia. Apresentação. In: OBRIST, Hans Ulrich. *Uma breve história da Curadoria*. São Paulo: Bei Editora 2010.

LINHARES, Anna Maria Alves. Marajoara “civilizado” e identidade nacional brasileira (século XIX). *Revista Estudos Amazônicos*, v. 13, n. 1, 2015.

- MARCOLIN, Neldson. Os imperadores e as múmias. *Revista Pesquisa Fapesp*, 2007. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/os-imperadores-e-as-mumias/>. Acesso em: 02 mar. 2024.
- MARTIUS, Carl Friedrich Phillipp von. Como se deve escrever a história do Brasil. *Revista trimestral de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, n.24, jan. 1845.
- MONTEIRO, Rodrigo dos Santos. *Gestão de cultura como reencantamento da sabedoria: uma proposta política de curadoria expandida*. 2022. 152 p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- MUSEU NACIONAL(Brasil). Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Relatório Anual 2018* - Museu Nacional. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- NETTO, L. Investigações históricas e científicas sobre o Museu Imperial e Nacional do Rio de Janeiro. Acompanhadas de uma breve notícia de suas colecções e publicadas por ordem do Ministerio da Agricultura. Rio de Janeiro: Instituto Philomatico, 1870.
- OBRIST, Hans Ulrich Caminhos da Curadoria. Trad. Aliny Azuma. Rio de Janeiro: Cobogó, 2014.
- OGUIBE, Olu. O fardo da curadoria. *Concinnitas*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 6, 2004.
- PEQUENO, Fernanda. Curadoria: ensaios & experiências. *Revista Concinnitas*, v. 2, n. 21, p. 16-35, 2012.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *Diário histórico administrativo da minha Directoria na Academia de Bellas Artes*. [S.l.: s.n.], 1854.
- PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Contornos de Nápoles: fragmentos das notas da viagem de um artista. *Nitheroy*, Paris, n. 2, tomo I, p. 161-213, 1836.
- PRANTNER, Johanna. *Kaiserin Leopoldine von Brasilien: Der Beitrag des Hauses Habsburg-Lothringen u. österr. Geistesgutes zur Entwicklung Brasiliens während d. Monarchie im 19*. Herold, 1974.
- PROSPERI, Mario. *Artefatos etruscos da cidade de Veio trazidos pela imperatriz Teresa Cristina*. 2024. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.
- RODRIGUEZ, Débora Lagreca. *O Tráfego de Bens Arqueológicos no Século XIX*. Estudo da Coleção Teresa Cristina no Museu Nacional do Rio de Janeiro. 2021. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Coimbra, 2021.
- SANTOS, Afonso Marques dos. A Academia Imperial de Belas Artes e o Projeto Civilizatório do Império. *180 Anos de Escola de Belas Artes: anais do Seminário EBA 180*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 127-146.

SANTOS, Sandra Ferreira dos. *Espaços femininos na Magna Grécia e Sicília: estudo comparativo da iconografia dos vasos da Coleção Teresa Cristina e de vasos itálicos, sicilianos e áticos dos séculos V-IV a.C.* 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; DANTAS, Regina. O Museu do Imperador: quando colecionar é representar a nação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 46, p. 123-164, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Magda Gomes da. *Desvendando o acervo de cerâmicas antigas do Museu Nacional - UFRJ sob a ótica de gênero e da História Comparada*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Maria Gabriela Evangelista Soares da. *Imperatriz Leopoldina: uma história da mulher e das ciências naturais no Brasil do século XIX (1817 - 1826)*. 2018. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SQUEFF, Letícia. A Grand Tour de um brasileiro: a importância da Itália nas ideias de Manuel de Araújo Porto-Alegre. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 12, p. 377-387, 2017.

SQUEFF, Letícia Coelho. A Reforma Pedreira na Academia de Belas Artes (1854-1857) e a constituição do espaço social do artista. *Cadernos Cedes*, v. 20, p. 103-118, 2000.

TURIN, Rodrigo. A prudência dos Antigos: figurações e apropriações da tradição clássica no Brasil oitocentista. O caso do Colégio Imperial Pedro II. *Anos 90*, v. 22, n. 41, p. 299-320, 2015.